

## Mística, espiritualidade e pandemia<sup>1</sup>

## Mystique, spirituality and pandemic

Maria Clara Lucchetti Bingemer\*

Recebido: 07/10/2020

Aprovado: 10/11/2020

### Resumo:

Neste artigo, a autora reflete sobre mística, espiritualidade e a pandemia da covid19. Sua reflexão versou sobre as possibilidades que devemos apreender do momento de pandemia a partir da mística e da espiritualidade sem ignorar a objetividade das ciências acerca da situação. Ao destacar testemunhos imprescindíveis para que a vida possa continuar acontecendo, a autora abre perspectivas esperançosas a partir das fragilidades e precariedades da vida humana cotidiana ampliadas em tempos como o qual estamos vivendo.

**Palavras-Chaves:** Mística, Espiritualidade, Pandemia, Memória

### Abstract:

In this article the author reflects on mystique, spirituality and the pandemic of the COVID-19. The reflection deals with the possibilities that we must learn from the pandemic moment based on mystique and spirituality without ignoring the objectivity of the sciences regarding the situation. By highlighting essential testimonies so that life can continue to happen, the author opens up hopeful perspectives based on the weaknesses and precariousness of everyday human life, amplified in times such as we are living.

**Keywords:** Mystique, Spirituality, Pandemic, Memory

### Introdução

A hecatombe que a pandemia do novo Coronavírus causa no mundo inteiro tem sido analisada por vários ângulos. A Filosofia, as Ciências Sociais, a Ciência Política, a

---

<sup>1</sup> Este texto foi apresentado pela autora na Semana Teológica do ITESP “A Igreja em tempo de pandemia”, realizada no período de 21 a 25 de setembro de 2020, e toma muito de seu conteúdo de outro texto (Deus em meio à pandemia), produzido no início da pandemia do coronavírus e publicado no livro *A pandemia do coronavírus. De onde viemos? Para onde vamos?*, organizado por João Décio Passos, (Paulinas, 2020).

\* **Maria Clara Lucchetti Bingemer** é teóloga pela Pontifícia Universidade Gregoriana e professora titular no Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Economia têm se sentido instigadas a refletir sobre essa catástrofe de proporções planetárias que se abateu sobre a humanidade e segue seu curso com rapidez e crueldade espantosas, sem data próxima para terminar.

Nosso tema é a mística e espiritualidade que se depreende dessa situação única que estamos vivendo. Como é possível viver a pandemia e a situação vital (e mortal) em que ela nos situa como experiência de Deus? E desenvolver e cultivar um estilo de espiritualidade que nasça dessa situação na qual todo o planeta está mergulhado?

Nossa intenção aqui é refletir sobre a possibilidade dessa mística a partir da teologia tocando em alguns pontos que nos parecem importantes para essa finalidade que a nossa fala deseja abordar. São pontos que já venho refletindo desde o início destes longos meses de confinamento. Alguns deles inclusive foram publicados em artigos ou em capítulo de livro. Procurarei refleti-los sempre desde o ponto de vista da fé e da teologia. E a pergunta que me coloco é: qual a experiência de Deus possível neste contexto de pandemia e como ela configura um estilo de espiritualidade que ajude a sustentar a vida humana no presente e no futuro dessa pandemia?

### **1. Tocar nos limites da vida e perguntar-se por seu sentido**

A pandemia nos jogou de cheio na consciência sensível e concreta de nossos limites. Se alguma veleidade ainda havia dos sonhos de onipotência com que a modernidade procurou seduzir-nos, hoje estamos convidados a olhar de frente, olhos nos olhos, face a face, nossa fragilidade e nossa mortalidade. O vírus diminuto e invisível surgiu e abateu-se com força sobre o estilo de vida frenético e febricitante que era o nosso, feito de mobilidade constante e excessiva, viagens para todos os quatro cantos do país ou do planeta, consumo extremado pois só consumindo tínhamos a impressão de estar vivos e de propriamente existir.

De repente nos vimos confinados em casa, ou mesmo, em nosso quarto, já que se houvesse alguém contaminado com o vírus dentro do espaço residencial, deveria ficar isolado e distante dos outros. Vimo-nos também separados rigidamente dos outros, dos amigos, família, seres queridos os mais diversos. Do hábito de conviver frequentemente com eles e elas, vimo-nos obrigados a ve-los apenas pela tela do computador ou do celular. E sobre todo contato físico e corpóreo começou a pairar uma ameaça e a possibilidade de um perigo.

A solidão e o isolamento foram nos revelando pouco a pouco a fragilidade de nossa vida. Havia que proteger-se, desinfetar-se, afastar-se, mascarar-se, cobrir-se, defender-se para...continuar vivo. E como a vida é o que mais buscamos e desejamos, passamos a viver sob a ameaça constante do adoecimento e da morte.

Todos os seres vivos vão morrer. A diferença no que diz respeito ao ser humano é que este sabe que vai morrer. A primeira aproximação ao tema do sentido da vida não pode ser outra senão a referência ao estatuto existencial do ser humano. Trata-se de uma pergunta primordial que ressoa para o ser humano de forma inteiramente própria e peculiar. Trata-se igualmente de uma pergunta universal, com a qual nenhuma pessoa deixa de enfrentar-se em algum momento da vida. É, além disso, uma pergunta radical como nenhuma outra, porque se refere ao espaço aberto de “questionabilidade” que permanece diante do ser humano, uma vez que este respondeu às questões concretas que lhe coloca o fato de viver. A pergunta pelo sentido da vida, por isso mesmo, envolve todas essas questões prévias, ao mesmo tempo em que as transcende. Além disso, põe em destaque a radical problematidade, ou melhor, a condição misteriosa da própria vida.

Não pedi para nascer e não quero morrer: eis o arco da questão humana pelo Sentido. E, no entanto, a única certeza que posso ter é que um dia morrerei. E esse dia pode ser hoje, no próximo minuto, amanhã, daqui a muitos anos. A incerteza que acompanha a certeza da morte faz da vida humana algo único e carregado de mistério.

Quando está em curso uma pandemia como a que vivemos, onde a morte é uma possibilidade real e próxima, a cada momento, o medo e o desespero tornam mais aguda essa pergunta fundante e primordial. Trata-se de um agente invisível que penetra nos corpos humanos e os ataca interiormente, reduzindo-lhes as forças e desorganizando seus sistemas de funcionamento. Enquanto muitos se recuperam, outros – muitos igualmente – terminam morrendo. Sem distinção de classe social, nem tampouco de idade. E nós temos que defrontar-nos com a questão pelo fim da própria vida e também e talvez mais fortemente ainda, com o fim da morte dos outros. No Brasil hoje os números sobem assustadoramente e ultrapassam os 135000. E todas essas vidas perdidas deixaram vazio, saudade, falta irreparável, tristeza tremenda, medo. Ainda mais porque muitas delas não puderam ter seu luto vivido sob a forma de uma despedida carinhosa, um funeral, uma celebração, um enterro. Mortes sem cadáver

visível, sem despedida, sem adeus. Deixam vácuo, perguntas sem resposta.

Parecia no início que o vírus só vitimava fatalmente os idosos. E agora se veem casos de crianças, jovens, pessoas na força da idade que caem sob sua ação letal. A fragilidade e a mortalidade entram por todos os nossos sentidos diariamente pelas mídias mais diversas. Os países mais desenvolvidos e as cidades mais modernas e bem equipadas do planeta gemem e choram sob sua violência. Nova York, a cidade que não dorme, fez vala comum para enterrar cadáveres. A garbosa Espanha chegou a depositar seus cadáveres no ringue de patinação no gelo. A ensolarada e luminosa Itália não dava abasto abasto aos caixões que precisa preparar a cada dia para enterrar seus mortos. E a impecavelmente organizada Alemanha, que a princípio tinha poucos casos, teve que voltar ao confinamento porque a contaminação voltava a chegar em nova onda.

Nesses tempos o aprendizado maior que recebemos dessa pandemia é uma acrescida consciência de nossa fragilidade. E essa condição frágil tem dois aspectos: por um lado a vulnerabilidade que nos diz que biologicamente somos matéria perecível que assim como vive, age e ocupa espaço no mundo pode no momento seguinte fenecer e deixar de existir. Já o povo da Bíblia ficava intrigado com a fragilidade da vida humana, que “ não passava de um sopro” (Sl 39). E refletia: “Toda a carne é como a erva, e toda a sua glória como a flor da erva. ” (1 Pe 1,24). Por outro lado, está a consciência de que é essa mesma fragilidade que constitui nossa identidade e abre uma porta para a Transcendência que parece ausente e silenciosa enquanto o mal se alastra e ceifa vidas em proporções inimagináveis.

Diante de nós está a vida humana, nossa, dos que amamos e daqueles que mal conhecemos. Qualquer que ela seja, teve uma origem e um começo que não dominamos, do qual não dispomos, por não haver sido sujeitos ativos do mesmo. Somos seres posteriores, chegamos depois que o mundo começou, e que nossos pais se encontraram. Depois que o mundo já havia atravessado várias fases e patamares civilizatórios. Entre eles, outras pestes com as quais a humanidade teve que lutar sem os recursos científicos de que dispomos hoje em dia. O passado nos é dado sem que hajamos nele interferido. Porém nossa existência tem um fim certo: a morte. E é tão certo como imprevisível quanto a seu momento e suas circunstâncias – morte certa, hora incerta -; um termo final do qual tampouco dispomos, já que tampouco de nossa morte seremos sujeitos ativos.

O fato de questionar a morte, de não a querer ou desejar, de tudo fazer para evitá-la; de celebrá-la ritualmente; de buscar comunicação com os que já passaram sua fronteira; levanta a questão de que o ser humano se autocompreende como feito para a vida e não para a morte. Esse sentimento de uma finitude que deseja ardentemente a infinitude o move a perguntar-se incessantemente pelo sentido do que lhe vem ao encontro em sua fragilidade, em sua condição de ser temporal.

A pergunta pelo sentido da vida qualifica o homem e a mulher como humanos. E isso define o mais profundo de sua identidade, uma vez que dentre os seres criados, apenas ele e ela a colocam. Além disso sublinha a definição da vida humana e da própria criatura humana como mistério criado, que necessariamente remeterá à pergunta pelo Mistério Incrível que é Deus.

Nesses dias em que assistimos, impotentes, ao crescimento de números e taxas da pandemia; nesses momentos em que nossa vida foi totalmente transformada a ponto de não nos lembrarmos mais que dia é hoje, quando começamos o isolamento, o que nos espera do outro lado; e sobretudo nos instantes mais dolorosos, quando o mal que se combate atinge conhecidos, amigos, familiares, seres queridos e amados enfim; vemos que duas referências se impõem em nosso horizonte ajudando-nos a retomar o pulso do sentido da vida: a ciência e a fé.

## **2. A ciência e as evidências objetivas**

A ciência é um dos motores do desenvolvimento da humanidade e da vida e seu progresso tem sido responsável por grandes avanços e melhorias na vida humana, sobretudo no decurso do último século, ainda que os frutos desse progresso não tenham sido repartidos equitativamente pelo mundo. Por outro lado, o mau uso que muitas vezes foi feito dos conhecimentos científicos foi, no mesmo século passado, causa das piores provações que a humanidade teve que passar. Por isso, ainda que o progresso da ciência que a racionalidade moderna possibilitou seja altamente positivo; ainda que se considere correta a afirmação de que a ciência é o motor do desenvolvimento em todas as frentes, os esforços feitos por muitos países e regiões do globo no domínio científico ainda permanecem muito aquém de um mínimo julgado desejável. E boa parte das razões para tal é a manipulação que interesses econômicos, políticos e ideológicos fazem contra a objetividade e a excelência que deve caracterizar toda ciência.

No momento em que explodiu a pandemia viral, a ciência – a medicina, a biologia, a infectologia e todas as áreas científicas que lidam com a vida humana – ocuparam a linha de frente das atenções. Buscam-se orientações, explicações, argumentos lógicos que nos ajudem a administrar a tragédia que vivíamos.

Por outro lado, competições ideológicas e embates políticos, muitas vezes se atravessam no caminho do trabalho científico. E isso acontece de diversas formas: seja a forma do obscurantismo que ataca retoricamente a liberdade de pesquisa científica, seja com políticas públicas retrógradas que cortam verbas e esvaziam institutos e laboratórios de pesquisa. Em um momento em que a crise ecológica atinge proporções nunca antes vistas, os impactos climáticos são minimizados, e os alertas emitidos pela comunidade científica desprezados como se não fossem evidências objetivas e sim opiniões casuais e não fundamentadas.

Com o Covid-19 a ciência voltou a ocupar seu papel de baluarte da verdade objetiva e verificável. Tornou-se um refúgio firme para uma sociedade assustada e vulnerabilizada pelo avanço descontrolado da doença e a subida dos números de vítimas fatais. A ciência é hoje a linha de frente no combate à pandemia. Fornece à população números, informações, percentagens que permitem ter um quadro do que se passa. E se pode ver ao mesmo tempo inúmeros laboratórios buscando remédios que tratem a doença causada pelo vírus, sequenciando o genoma do vírus em tempo recorde, buscando pelos caminhos da pesquisa apaixonada e responsável uma vacina que possa no futuro imunizar contra o vírus.

Há, no entanto, tentativas de travar esse trabalho, muitas delas invocando o nome de Deus. Contestam-se os dados fornecidos pela ciência, contradizem-se informações precisas e objetivas e se dão orientações conflitantes à população. Afirma-se que Deus salvará a todos do vírus, o que os cientistas dizem é um exagero, o que há que fazer é orar porque Deus nos salvará do vírus.

Desde sempre, em todas as religiões, mas muito concretamente nas religiões monoteístas e mais especificamente no judeu-cristianismo, Deus não se imiscui nos negócios humanos para desviar a ação da própria humanidade na resolução de seus problemas. O Espírito de Deus inspira, anima, orienta, consola, mas não toma as ferramentas das mãos da humanidade para resolver, em um passe de mágica, as dores e os problemas que essa própria humanidade está passando.

Toda tentativa ao longo da história de converter Deus em árbitro da ciência, impedindo-a de avançar já foi suficientemente desmascarada e situada em seu devido lugar: é falsidade e embuste. Assim, governantes despóticos e irresponsáveis que buscam desautorizar os cientistas que dizem a verdade em meio a um momento grave como o que estamos vivendo terão que responder diante do tribunal da história. E também diante do tribunal divino, que fará cair os véus, desvelando suas tentativas de vender os olhos do povo com ilusões e falácias, na sua mais atualizada forma: as Fake News.

Em meio à pandemia, a comunidade científica tem construído uma rede sólida de informações, colocando a ciência na vanguarda das políticas de combate à pandemia. Assim, se pode combater o obscurantismo institucionalmente, usando de transparência e honestidade, atualizando constantemente as medidas adotadas e procurando adequar as condições da saúde às reais necessidades decorrentes da própria pandemia.

A mística e a experiência de Deus, portanto, em tempos do coronavírus implica em dialogar com a ciência e deixar-lhe plena autonomia no campo e competência que lhe é próprio. Isso implica em não misturar epistemologias ou querer tratar o que releva do campo do biológico com instrumentos falsamente espirituais que matam em vez de curar e alimentam políticas genocidas que empurram as pessoas para o contágio e muito provavelmente, para a morte.

A verdadeira espiritualidade cristã busca a verdade . E a verdade passa pela evidencia objetiva que é o campo da ciência por excelência. Trata-se da autonomia das realidades terrestres de que tão belamente fala a “Gaudium et Spes”, quando a Igreja declara explicitamente que deseja ser perita em humanidade. A humanidade hoje geme sob o peso de uma doença da qual não vê origens ou fim e que não apresenta um horizonte próximo ou mesmo médio para ser vencida. Não se pode tratar a gravidade da situação e do momento apenas desde os impulsos, os sentimentos, as ideias e as intuições. Há que ouvir os que sabem, os especialistas e, humildemente, sabendo que a mesma ciência é limitada, sentir os movimentos do Espírito e discerni-los. Mas jamais esse discernimento dos espíritos pode prescindir das afirmações e dos passos concretos da ciência. Uma mística aprendida no sofrimento da pandemia deve trazer consigo esse respeito à criação de Deus e às maravilhas que a mente humana produz, sendo uma das mais importantes a ciência.

### 3. A Teodiceia sempre presente

Quando se está diante de situações vitais limítrofes e extremas, quando a dor avança sem freios ou retenções pelo meio do mundo, quando a foice da morte ceifa vidas a torto e a direito, o ser humano sempre se pergunta pela compatibilidade entre Deus e a existência do mal. Já Epicuro, no século a.C. postulava a questão: O paradoxo de Epicuro é um dilema lógico sobre o problema do mal atribuído ao filósofo grego Epicuro que argumenta contra a existência de um deus que seja ao mesmo tempo onisciente, onipotente e benevolente. A lógica do paradoxo proposto por Epicuro toma três características do deus judaico, omnipotência, onisciência e onibenevolência como, caso verdadeiras aos pares, excludentes de uma terceira. Isto é, se duas delas forem verdade, excluem automaticamente a outra. Trata-se, portanto, de um trilema. Isto tem relevância pois, caso seja ilógico que uma destas características seja verdadeira, então não pode ser o caso que um deus com as três exista.

- Enquanto onisciente e onipotente, tem conhecimento de todo o mal e poder para acabar com ele. Mas não o faz. Então não é onibenevolente.
- Enquanto onipotente e onibenevolente, então tem poder para extinguir o mal e quer fazê-lo, pois é bom. Mas não o faz, pois não sabe o quanto mal existe e onde o mal está. Então ele não é onisciente.
- Enquanto onisciente e onibenevolente, então sabe de todo o mal que existe e quer mudá-lo. Mas não o faz, pois não é capaz. Então ele não é onipotente.

No século XVII Leibniz retoma o dilema de Epicuro. O termo teodiceia provém do grego θεός - theós, "Deus" e δίκη - díkē, "justiça", que significa, literalmente, "justiça de Deus", sendo uma área da filosofia que, entre outras coisas, busca uma resposta ao Paradoxo de Epicuro. Como uma resposta ao problema do mal, uma teodiceia é diferente de uma defesa. A defesa tenta demonstrar que a ocorrência do mal não contradiz a existência de Deus, mas não propõe que os seres racionais sejam capazes de entender por que Deus permite o mal. A teodiceia procura mostrar que é razoável acreditar em Deus, apesar das evidências de mal no mundo e oferece uma estrutura que pode explicar por que o mal existe. A teodiceia é muitas vezes baseada em uma teologia natural que tenta provar a existência de Deus e procura demonstrar que a existência de Deus permanece provável depois que o problema do mal é colocado, dando uma



justificativa para Deus permitir o mal acontecer. As defesas propõem soluções para o problema lógico do mal, enquanto as teodiceias tentam responder o problema evidente.<sup>[4]</sup>

Com a pandemia que estamos vivendo ressurgir, instigante, a pergunta da Teodiceia que atormentou gerações e que levou pensadores e escritores a escreverem obras primas sobre o tema. E a mística que pode nascer dessa terrível e dolorosa experiência vai atravessada por essa questão da teodiceia de ponta a ponta. Talvez uma das obras literárias mais significativas para pensar a fé em tempos de pandemia seja o romance “A peste” de Albert Camus, escritor argelino-francês que viveu no século XX e deixou uma vasta obra que marcou o pensamento e os valores da modernidade.

Camus não tinha fé, mas era alguém perpetuamente atormentado pelo amor à humanidade e o compromisso com os direitos humanos. Formado em filosofia, conhecia muito a filosofia cristã, tendo feito sua tese de doutorado sobre Santo Agostinho. Nutria imensa admiração pela filósofa e mística francesa Simone Weil, tendo ido, antes de partir para a Suécia receber o prêmio Nobel, recolher-se em seus aposentos na casa de seus pais em Paris.

O romance que mencionamos foi publicado em 1947 e se passa na cidade de Oran, na Argélia, uma cidade onde segundo o autor, todos vivem rotineira e irresponsavelmente e onde, por isso mesmo, “é muito difícil adoecer e morrer”. Cidade onde aquele que adocece fica muito só como ficam os pacientes de COVID-19 em nosso Brasil, desaparecidos engolidos pela boca da porta de um hospital e saindo apenas num caixão que seus familiares não tem o direito de abrir. Neste quadro, começam a aparecer ratos mortos e se constata a chegada da peste. O narrador, médico e ateu, constata com sua ciência o que está acontecendo e recebe em braços a dura tarefa de cuidar dos empesteados e tentar salvar-lhes a vida.

Conversando com colegas, o médico tem que admitir que a peste, aquela ameaça que se acreditava erradicada do Ocidente e controlada para sempre pela ciência, chegou sem aviso e está dizimando a população da cidade. Pestes e guerras, pensa o dr. Rieux, porta voz de Camus, sempre houve. E quando chegam sempre encontram as pessoas desarmadas e desprevenidas.

Camus escreve imediatamente após a segunda guerra mundial, que dizimou a Europa e atingiu brutalmente o mundo. E é clara a analogia entre a peste e a guerra que

gerou o holocausto, considerado o maior genocídio de que a humanidade tem notícia. O primeiro momento é de incredulidade e de esperança que não dure. Mas a peste não é apenas um pesadelo que vai passar. Ao contrário, de pesadelo em pesadelo, são os seres humanos que passam.

Na medida em que a peste avança na cidade de Oran, o médico Rieux se debate em sua pergunta pela existência ou não de Deus. Seu interlocutor privilegiado é um jovem voluntário que organiza equipes sanitárias e que um dia se pergunta se ele tem fé em Deus. E justifica sua pergunta dizendo que lhe parece incompreensível que alguém se dedique tanto em um trabalho tão exigente como o de cuidar de doentes empesteados dia e noite se não acreditar em Deus, ou seja, se não tiver uma profunda motivação transcendente.

A partir das grandes questões da Teodiceia, o doutor Rieux responde que se cresse em um Deus todo poderoso, ele cessaria de curar os homens, deixando a Deus essa tarefa. Sua prática de médico lhe havia demonstrado, porém, que ninguém se entrega totalmente. E que há que lutar com todas as forças. Nem mesmo o padre da cidade, que estimulava a população a ver a peste como uma provação por seus pecados e a confiar totalmente que Deus os salvaria daquele flagelo. Nisto, na vontade de lutar e na resistência que a humanidade contrapõe aos males que sobre ela se abatem, o médico Rieux encontra sentido para sua vida. Isso lhe demonstra estar no caminho da verdade, “lutando contra a criação tal como ela é”.

E faz sua profissão de fé: “depois de tudo, já que a ordem do mundo é regulada pela morte, talvez valha mais a pena para Deus que não se creia nele e se lute de todas as forças contra a morte, sem levantar os olhos em direção ao céu onde ele se cala.”

Mas o doutor Rieux não conhecia a teologia que o cristianismo católico e protestante elaborou após o holocausto. Atravessados pelas experiências tidas na guerra e instigados pela pergunta do grande filósofo judeu Hans Jonas - Como falar de Deus depois de Auschwitz? – teólogos como Jurgen Moltmann e Johann Baptist Metz na Europa do pós-guerra buscaram esse novo modo de falar de sua fé em meio ao sofrimento humano. E Jon Sobrino na América Latina mergulhou seu olhar de teólogo na pobreza padecida pelo povo salvadorenho para encontrar igualmente um novo modo de falar de Deus.

Esses teólogos falaram a partir de sua mística. Segundo essa mística e sua

consequente teologia, Deus não se cala diante da dor e do sofrimento humano. Pelo contrário, encarna-se e entra dentro dessa dor e desse sofrimento, assumindo a vulnerabilidade de sua criatura. Sofre ele mesmo na carne e na dor das vítimas, abraçando seu sofrimento por dentro. E desde aí se revela como amor. Diante do grito da vítima inocente que sofre, ou Deus abraça esse sofrimento por dentro ou não pode ser adorado e invocado pela humanidade em meio a sua dor.

Por outro lado, a labuta incessante dos justos – mesmo não crentes – como o médico e personagem de Camus, é parte dessa visão de Deus que não é cúmplice do mal por seu silêncio ou sua desmedida exigência. Mas pelo contrário, mesmo não conhecido ou nomeado, Deus está na luta sem quartel contra a injustiça e seu fruto perverso, que é o sofrimento do inocente. Nessa luta, Deus está presente, identificado com a vítima, e sua paixão continua acontecendo e seguindo seu misterioso caminho.

Deus inspira igualmente a quebra da cultura da amnésia, promovendo a falsa felicidade que consiste na amnésia do vencedor, com o esquecimento impiedoso das vítimas. Contra essa amnésia, Deus faz presentes as vítimas, possibilitando a cultura da anamnese. Com olhos abertos e memória ativada, acontece a mística da memória e da presença, onde os vivos resgatam os mortos e os mortos falam aos vivos e à vida incessantemente. E a teologia continua a falar de Deus enquanto escuta o clamor dos que sofrem.

Todos os que vivemos essa pandemia, jamais esqueceremos a visão do Papa Francisco, sozinho na imensa praça de São Pedro em Roma, em meio à chuva e ao frio, testemunhando que Deus está conosco na barca que as ondas batidas pela tempestade parecem tragar irremissivelmente. Sem minimizar em nada a gravidade do momento, sua figura vestida de branco era o único ponto luminoso em meio à desolação do ambiente esvaziado de vida e presenças humanas.

Presente junto a suas ovelhas, o Pastor falou de Deus. E o fez dirigindo-se a crentes e não crentes, uma vez que o amor de Deus abarca a todos e é mais universal que qualquer pandemia. E passa por pessoas que não tinham importância no mundo que existia antes onde a pressa, o êxito e a riqueza pareciam ser os únicos valores.

O Papa disse que “nossas vidas são tecidas e apoiadas por pessoas comuns, geralmente esquecidas, que não aparecem nas manchetes dos jornais e revistas ou nas grandes passarelas, mas, sem dúvida, escrevem hoje os eventos decisivos da nossa

história. ” Referia-se com certeza a todos aqueles que, pertencendo a diferentes religiões ou a nenhuma, expõem-se ao risco do contágio para cuidar dos doentes pela pandemia.

O romance de Camus relata essa caridade anônima que ao longo do romance dialoga com a honestidade comovente e inabalável do médico. O jovem voluntário lhe pergunta: “pode-se ser um santo sem Deus?” A resposta que o médico não dá está sendo dada diuturnamente durante a pandemia que vivenciamos há meses pelas vidas anônimas que tecem nossa história: os agentes e profissionais da saúde, os líderes comunitários, os voluntários e tantos outros mais.

### **Conclusão: santidade como discurso possível sobre Deus**

Na recente exortação pós-sinodal do Papa Francisco “Gaudete et Exultate”, aparece uma nova nomenclatura para caracterizar os santos, heróis da fé e paradigmas da caridade: os santos ao pé da porta, que constituem a classe média da santidade. Onde podemos encontrar, hoje, esses *santos* que estão a nosso lado, ao pé da nossa porta? Segundo Francisco, no povo paciente de Deus: na família, nos pais que criam os filhos com amor apesar das dificuldades; na gente que trabalha incansavelmente por anos para trazer o pão para casa; nos doentes e idosos que continuam a sorrir.

E nós acrescentaríamos: nos médicos que trabalham dia e noite à beira do leito dos doentes, buscando a cura para sua enfermidade. Nos enfermeiros que cuidam dos corpos doentes dando-lhes alívio, tratando das feridas, alimentando-os, animando-os, chamando-os de volta à luz da vida desde as trevas da enfermidade onde se encontram mergulhados. Técnicos de enfermagem, auxiliares, intensivistas, repetem dia e noite a via sacra e a vigília ao lado dos doentes.

Há também os que trabalham e não podem estar em casa, resguardando-se do contágio para que tantos possamos assim estar: caminhoneiros que trazem os alimentos aos supermercados, funcionários que repõem as mercadorias nas estantes, policiais que patrulham as ruas vazias cuidando da segurança, lixeiros que recolhem o que sobrou de nossa mesa e de nosso cotidiano.

Esses que esquecem o próprio cansaço para que a vida não pare de acontecer em nosso mundo doente e enfraquecido são os verdadeiros porta vozes de Deus. Seu trabalho dedicado e silencioso fala mais que todos os nossos discursos nessa situação

tão dolorosa, mas que pode abrir o caminho da esperança de que um outro mundo seja possível.

Uma mística que brote da experiência da pandemia, desses meses e talvez anos vividos em meio à tempestade que a todos atinge não pode esquecer essas testemunhas que lutando pela vida sua e dos outros, fazem possível o futuro. Por que existirá após a pandemia vida em vez de nada? Porque houve pessoas que privilegiaram a vida e deram o melhor da sua para que o mundo tome consciência de que VIDA é o outro nome de Deus.